

GÊNERO E COTIDIANO

Sueli de Araújo Montesano

Profa. da Faculdade Campo Limpo Paulista – Campo Limpo Paulista, SP.

Profa. da Faculdade Anglo Latino, São Paulo, SP.

As mudanças econômicas e sociais ocorridas com a industrialização, a inclusão da mulher no mercado de trabalho, retirou-as do espaço privado onde exerciam funções consideradas femininas, abriram-lhes novas possibilidades. Modificaram os papéis, romperam com valores, hábitos, atitudes, enfim alteraram padrões culturais de uma parcela da população. A indústria, símbolo do progresso, passa a ser vista como o espaço para novas oportunidades profissionais, com aprovações e desaprovações sociais gerando tensões entre gêneros.

Nessa pesquisa que desenvolvo, experiências operárias e vivências diferenciadas no mundo masculino do trabalho, serão resgatadas. As mulheres assumiram atitudes, desafiaram normas de comportamento, contestaram de certa forma o instituído. Pode-se dizer que romperam com alguns costumes da cidade e da empresa, ao adentrarem nesse espaço, abrindo-lhes novas possibilidades.

Recupero pela memória o trabalho desenvolvido por elas em máquinas pesadas, numa metalúrgica no interior de São Paulo, nos anos 50, apontando para as relações diferenciadas entre gênero, expectativas e tensões.

A empresa em questão, no final dos anos 40, passou por uma reestruturação incorporou nova tecnologia, máquinas-ferramentas automáticas, que contribuíram para a simplificação e intensificação do trabalho. Proporcionou que segmentos da população local, sem qualificação profissional fossem aproveitados para o trabalho fabril, inclusive as mulheres.

Quem eram essas operárias? Quais os sonhos e expectativas que traziam consigo?

De 12 fichas funcionais localizadas, foi possível verificar que eram jovens, nascidas no interior, na faixa etária entre 14 a 23 anos, sendo apenas 3 menores e 10 solteiras. Foram contratadas para trabalhar na indústria metalúrgica entre agosto e setembro de 1950.

Ingressar na empresa significava não apenas para elas, como também para a maioria da população da cidade, a possibilidade de melhores salários. Além do que, o emprego na indústria fazia parte do projeto de melhoria de vida, de novas oportunidades profissionais à família, escola para os menores, motivos pelos quais deixaram o campo.

A vida anterior, no mundo rural, era mais difícil e rústica. Trabalhavam na lavoura, cortavam cana, apanhavam café, lavravam a terra. Enfim, essas mulheres desde pequenas, exerciam atividades consideradas masculinas junto aos pais, aos irmãos e até mesmo distante deles:

“(…) desde os 7 anos eu trabalhava na roça, cortava cana, carpia para os outros(…) lavei a terra com arado e burro(…) dois burros iam à frente, o arado e a gente segurava para o arado não sair do lugar (...). era pesado... no sol e chuva...até 24 anos eu trabalhava no sítio e fazia tudo. Carregava vagão de trem e a cana ia para a Usina Central ...¹

O cotidiano de trabalho no mundo rural era bem diferente do industrial. Iniciava-se com o raiar do dia e acabava com o por do sol, era um trabalho à céu aberto e o tempo tinha como referência a natureza. Era uma atividade estafante e o salário era pequeno. Já o tempo da indústria era o do relógio, do apito, do movimento das máquinas, da produção, da disciplina.

Essas mulheres vieram com a família para a cidade e se dirigiram para as indústrias têxteis, ora menores, ora maiores, pelas oportunidades de qualificação profissional e dos salários que proporcionavam.

Algumas trabalhavam numa mesma indústria têxtil, quando decidiram deixá-la para um emprego promissor na indústria de máquinas pesadas, reduto masculino, pelos bons salários oferecidos. Ao tomarem tal decisão, enfrentaram dificuldades com familiares e moradores da cidade.

Eram alertadas pelos pais, que o trabalho era pesado, para homem. da mesma forma pensavam os parentes e vizinhos.

“(…) minha mãe era italiana (…) dizia que eu não precisava usar calças compridas, esconder o cabelo que tinha de ficar preso embaixo do boné (…) aquilo não era serviço de mulher era serviço para homem,(…) meu pai dizia que não ia dar certo usar macacão, ficar com as mãos sujas de graxa, o serviço era perigoso, para homem(…)”².

Apesar da época, não se intimidaram com os costumes local, não aceitaram passivamente os conselhos domésticos e foram trabalhar na empresa com apoio familiar.

Entende-se que a adesão dessas funcionárias e dos familiares à proposta empresarial se concretizou, provavelmente, porque já vinham do campo, onde já ocupavam espaços semelhantes, e já estavam acostumadas há muito a trabalhar com homens e em atividades pesadas. Certamente no processo de socialização delas, não se estabeleceu distinção, nas atividades no campo como sendo um espaço apenas masculino. Não houve um treinamento diferencial com serviços para homens e mulheres, logo, não foi difícil aceitar o trabalho na fábrica. Porém ocorreram tensões entre namorados, maridos e sogros, que se opuseram a este trabalho exigindo que deixassem a empresa. Esposas de chefes enciumadas, também brigavam constantemente com seus maridos, por ficarem próximos das moças.

Desta forma, as mudanças sociais provocadas pelo desenvolvimento industrial e a possibilidade de auferir maiores ganhos na empresa, símbolo do progresso na época, abriu novos espaços para o trabalho feminino na cidade. Permitiu-lhes passar por novas experiências, com aprovações e desaprovações sociais, enfim com tensões entre gêneros.

A aceitação às inovações é seletiva, podem ser aceitas total, ou parcialmente com modificações. Porém, as necessidades sentidas, percebidas, contribuem com as mudanças.³

O salário oferecido pela empresa, o dobro do que recebiam na têxtil, foi o motivo pelo qual deixaram o emprego anterior.

Na fábrica, ficaram impressionadas com o barulho das máquinas, o tamanho da empresa, e inseguras se conseguiriam aprender o novo serviço, que lhes parecia complexo. Com o auxílio de um colega do setor, aprenderam rapidamente, o que significava que a especialidade era desnecessária. Aos poucos foram se adaptando às atividades e algumas passaram a produzir mais que homens, o que os deixava admirados. Isso de certa forma, desmitifica o tratamento dado a mulher como frágil, indefesa, incapaz ao trabalho pesado. Porém mesmo assim, ganhavam 50% menos que eles.

A disciplina era grande, não podiam faltar, atrasar que eram cobradas. Sair da máquina, só se fosse por motivo de serviço, ou quando iam ao banheiro e aí eram vigiadas para não demorarem mais que o necessário.

Só na saída da fábrica eram assediadas pelos colegas, onde tinham a oportunidade de conversar um pouco mais, com maior liberdade.

Trabalhar por peças e prêmios por produção, vinculava o salário à produtividade. Estes somados à vigilância das chefias, permitia que a empresa mantivesse os trabalhadores submissos. Assim sendo, ela não apenas reprimia mas também premiava os produtivos por aderirem aos seus objetivos. A ausência de profissão, o temor ao desemprego, aliados à falta de mercado de trabalho local para essa população, também exercia forte pressão sobre essas mulheres, que cumpriam bem as tarefas. Porém, submetidas às metas de produção e à intensificação do trabalho, não se sentiam exploradas, o esforço era recompensado. Seus objetivos, portanto, coincidiam de certa forma, com os da empresa.

Percebe-se pelos depoimentos que apesar de trabalharem em máquinas como tornos, fresas, furadeiras que até então naquela empresa eram consideradas ocupações masculinas, desempenhavam atividades consideradas leves, “femininas” (...) lixar, tirar rebarbas das peças, fazer pecinhas pequenas, molas, etc. Parece que o trabalho em tornos,

quando não eram automáticos, exigia mais força das mulheres. Tinham que apertar bem as peças para não escapar e as alavancas eram mais pesadas. Depois, já nos tornos automáticos, era colocar o material, ajustar as máquina e ele fazia tudo sozinho.

“(...) a gente ficava vigiando a água da máquina, retirava a peça quando terminava o serviço(...) era um serviço que mulher podia fazer. Não precisava de força, quem fazia força era o torno(...) A gente ligava e desligava.(...) trabalhar no tear era mais perigoso porque se a lançadeira escapasse ia no olho e a gente ficava cega ou se pegasse assim no peito, ela matava. No torno tinha que ter cuidado com as mãos(...)”⁴

Pela memórias, trabalhar na empresa foi muito gratificante. O industrial é lembrado como pessoa respeitosa, honesta que as protegia. Era um grande entusiasta do trabalho feminino na fábrica, exigindo que os colegas e chefias as respeitassem, caso contrário seriam demitidos. Essa confiança depositada nele, somadas à vigilância constante dos parentes, contribuíram para a aprovação do trabalho feminino na fábrica.

Essa inovação proposta ajustou-se bem à cultura dos envolvidos, que procediam do campo onde já tinham experiência do trabalho masculino e feminino em atividades pesadas.

Além disso vem ao encontro do projeto familiar, onde na cidade teriam carteira assinada, direitos sociais assegurados por lei e o progresso para todos.

Portanto, trabalhar na empresa significava tornar realidade esse sonho de vida melhor, lutar contra o pauperismo, o desemprego e a exclusão social.

Notas de rodapé

¹ ELZA, ex- operária entrevistada em janeiro/2001

² IRACEMA, ex- operária entrevistada em janeiro/2001

³ HORTON, Paul B. e HUNT. Chester L. *Sociologia*. São Paulo, McGraw Hill, 1981.

⁴ IRACEMA, ex- operária, entrevistada em janeiro/2001

BIBLIOGRAFIA

BRUSCHINI, Maria Cristina e **ROSEMBERG**, Fúlvia. *Trabalhadoras do Brasil*. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, 1982.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência- aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

_____. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática 2000.

- DURAND**, Eunice R. *A caminho da cidade*. São Paulo, Perspectiva, 1984.
- COUVRE**, Maria de Lourdes M. A função da técnica. In: **BRUNO**, Lúcia. E **SACCARDO**, Cleusa (coord). *Organização, trabalho e tecnologia*. São Paulo, Atlas, 1986.
- FOUCAULT**, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1989.
- _____. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro, Vozes, 1989.
- HALBWACHS**, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990
- HORTON**, Paul B., Chester L. *Sociologia*. São Paulo, McGraw-Hill, 1981.
- MARGLIN**, Stephen. A origem e funções do parcelamento das tarefas. In: **GORZ**, André. *Crítica à divisão do trabalho*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- MATOS**, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP, EDUSC, 2002.
- MONTESANO**, Sueli de Araújo. *Trajetórias, desafios e tensões- Indústrias Romi, operários e cidade – (1940-1990)*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC-SP, 1998.
- NEVES**, Magda de Almeida. *Trabalho e cidadania. As trabalhadoras e Contagem*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- PERROT**, Michèlle. *Os excluídos da história*. São Paulo, Paz e Terra, 1988.
- SEGNINI**, Liliana. *A liturgia do poder*. São Paulo, Educ, 1988.
- SINGER**, Paul. *Economia política e urbanização*. São Paulo, Brasiliense, 1975.
- SOUZA LOBO**, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos- trabalho, dominação e resistência*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- THOMPSON**, E.P. *A formação da classe operária inglesa*, vols I e II. Rio de Janeiro, paz e Terra, 1988.
- _____. *Tradición, revuelta y conciencia di clase*. Barcelona, Editorial Critica, 1984.
- THOMPSON**, Paul. *A voz do passado – história oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.